

**Os combates intelectuais de Bossuet: a unidade
política por meio da unidade religiosa**

*The intellectual combats of Bossuet: the political unit
through the religious unit*

MARIA IZABEL B. DE MORAIS OLIVEIRA¹

¹ Doutoranda em História Cultural da Universidade de Brasília/UnB.

RESUMO

Objetivamos demonstrar que, para Bossuet, em sua *Oraison funèbre de Henriette-Marie de France*, os reis, ao defenderem a religião estariam, ao mesmo tempo, defendendo o Estado.

O seu combate ao protestantismo devia-se ao fato de entender que esta doutrina ameaçava fortemente a monarquia absolutista. Ele luta para empreender a unidade religiosa na França, por conceber que este era um meio imprescindível para se obter a unidade política. A figura simbólica do rei como defensor da fé e da Igreja, tão defendida por Bossuet, era uma das imagens que os reis cristãos tinham de apresentar para reforçar o seu poder, na França, na segunda metade do século XVII.

PALAVRAS-CHAVE

Bossuet
política/religião
França – segunda metade do século XVII

ABSTRACT

We aimed at to demonstrate that, for Bossuet, in his/her Oraison funèbre of Henriette-Marie of France, the kings, to the they defend the religion would be, at the same time, defending the State. His/her combat to the Protestantism was due to the fact of understanding that this doctrine threatened the absolutist monarchy strongly. He struggles to undertake the religious unit in France, for becoming pregnant that this it was an indispensable way to obtain the political unit. The king's symbolic illustration as defender of the faith and of the Church, so defended by Bossuet, it was one of the images that the Christian kings had to present to reinforce his/her power, in France, in the second half of the century XVII.

KEY WORDS

*Bossuet
politics/religion
France - second half of the century XVII*

Situaremos Bossuet no contexto da Contra-Reforma e intolerância religiosa na França, na segunda metade do século XVII, para entender o porquê de sua forte crítica ao protestantismo. E em que sentido esta doutrina ameaçava a monarquia absolutista. Pretendemos demonstrar que, na concepção de Bossuet, uma das obrigações primordiais dos reis por direito divino era a fidelidade e a defesa da religião católica. Pois, em seu entendimento, os reis, ao defenderem a religião estariam, ao mesmo tempo, defendendo o Estado. Enfatizaremos a luta de Bossuet para empreender a unidade religiosa na França, por conceber que este era um meio imprescindível para se obter a unidade política. Demonstraremos que a figura simbólica do rei, como defensor da fé e da Igreja, era uma das imagens que os reis cristãos tinham que apresentar para reforçar o seu poder. As imagens do rei como defensor da Igreja e da fé católica, entre outras, eram concepções antigas – que tinham suas origens por volta do século XIII – e foram reforçadas, no decorrer da Idade Moderna, pelos teóricos políticos, constituindo-se em estruturas representativas do poder monárquico, elas davam base ao poder absoluto¹. As imagens do poder real, além de terem sido representações coletivas e de sustentação à legitimidade do poder eram, antes de tudo, “instrumentos de luta ideológica”².

Abordaremos a *Oraison funèbre de Henriette-Marie de France*, pronunciada por Bossuet em 1669³. Conforme observa Le Brun, durante o preceptorado Bossuet escreveu algumas obras, entre elas a *Politique*, que é um tratado de política. Não devemos pensar que foi somente neste período que Bossuet se preocupou com a política. Desde sua juventude as questões relacionadas aos dois poderes, o civil e o eclesiástico, ao governo das coisas humanas como também à autoridade dos soberanos o preocupavam e vinham sendo elaboradas por ele, mesmo que não fosse de forma sistematizada, mas que se constituíam num conjunto “que revela certos eixos de preocupações”⁴.

O PRÍNCIPE DEFENSOR DA FÉ E DA IGREJA

Na *Oraison funèbre de Henriette-Marie de France* está explícito, logo nas primeiras páginas, o sermão que Bossuet prega aos reis. Ele

lança mão de meios, como exemplos bíblicos e palavras do papa, para demonstrar o que devem ou não fazer os reis por direito divino. O texto de Bossuet possui um estilo moralizante. Ele busca lições de moral na Bíblia.

Bossuet defendia o poder centralizado em uma só pessoa, ao mesmo tempo em que procurava combater a anarquia. Ele teve uma grande preocupação em defender a ordem e a paz na França. Para ele, isto só era possível com a unidade do Estado como também da religião católica. Tudo o que pudesse oferecer risco à ordem pública estabelecida por Deus e salvaguardada pelo rei causava-lhe perplexidade e, conseqüentemente, podia levar à anarquia. É por isso que na *Oraison funèbre de Henriette-Marie* a paz política e religiosa é a questão central de seu discurso. E neste caso, o protestantismo é considerado pelo autor como um fenômeno ameaçador à ordem existente. Algo que, inegavelmente, promove a anarquia tanto na religião como no Estado, e que por isso tem de ser combatido com todas as suas forças. Para Bossuet, aplica-se o arrazoado de um outro teórico do absolutismo, Hobbes, ao afirmar, no *De cive*, que é preciso procurar a paz, enquanto se tem esperança de encontrá-la. Bossuet a procurou vigorosamente, brandido a sua espada sagrada, o verbo divino.

É importante assinalar que a ordem, para Bossuet, se dá quando todos se colocam em seus respectivos lugares, obedecendo à hierarquia imposta pela tradição. Quando os súditos se rebelam contra o poder real, abrem caminho para a anarquia. Como constata Mousnier, na França, do final do século XV ao final do século XVIII, a população concebia o universo como um *cosmo* organizado e hierarquizado: Deus na esfera superior, e na esfera inferior os homens. Sendo que estes pertenciam a categorias fixas e imutáveis com a função de conservar as leis da natureza, pois estas expressavam a vontade de Deus⁵.

Uma das obrigações que Deus impõe aos reis cristãos, de acordo com Bossuet, é a de amar a religião católica, pois é este amor e fidelidade eterna à religião que garantem a glória da França. Bossuet exalta os reis que defendem o catolicismo. Numa exaltação às virtudes da rainha ele considera, “Que direi do seu amor inabalável à religião dos

seus antepassados? Ela soube reconhecer que este amor era a glória de sua casa como da de toda a França, única nação do universo em que os reis tendo abraçado o Cristianismo desde doze séculos quase completos, nunca viu em seu trono senão príncipes filhos da Igreja. Também sempre ela declarou que nada seria capaz de separá-la da fé de São Luís”⁶.

Esta idéia defendida por Bossuet faz parte do universo simbólico no qual ele estava inserido. Desde meados do século XIII os reis passaram a pronunciar quatro juramentos no momento de sua sacração. Neles estão contidos a defesa da fé, da Igreja e o combate à heresia. Conforme observa Le Goff, “O rei, segundo os *ordines* de Reims e de 1250, pronuncia quatro séries de juramentos [...] Uma quarta promessa, introduzida após o 4º Concílio de Latrão (1215), consiste no comprometimento de combater os heréticos. [...] Ele promete defender a santa fé católica, de ser o defensor e o tutor das igrejas e de seus ministros...”⁷.

Como constata Roland Mousnier, “o rei é o chefe e o protetor da Igreja da França”⁸. Este autor afirma também que “todo mundo queria ver no rei a imagem de Deus: ‘Vós sois Deus na Terra [...]’. A esta concepção somava-se, em muitos, o velho sonho humanista: o rei deve ser protetor da Igreja, como Constantino...”⁹. De acordo com as antigas leis consuetudinárias da França, os monarcas não podiam “banir grupos de pessoas”, com exceção dos “hereges”, pois estes encontravam-se “numa posição especial porque estavam fora da comunidade dos fiéis que o rei tinha jurado defender no juramento de coroação”¹⁰. Ao referir-se a Luís XIV, o monarca reinante no período de Bossuet, Mousnier chama a atenção para o fato de que, “o juramento de respeito ao sagrado obrigava-o a destruir a heresia. Todos os seus súditos, protestantes ou católicos, julgavam que, ‘a diferença de religião desfigura o Estado’: ‘Uma fé, uma lei, um rei’”¹¹.

Em relação ao mito de São Luís, num período em que a questão protestante é muito combatida pela Igreja, o Bispo de Meaux o invoca para reforçar a idéia de quanto os reis franceses devem seguir o seu exemplo de amor e zelo pela religião católica. No século XVII, o espírito da Contra-Reforma contribuiu para o ressurgimento do mito

de São Luís. De acordo com François Bluche, neste século, “São Luís, modelo de obediência à lei de Deus, é transformado em arquétipo e protótipo do príncipe cristão, um ideal que predicantes e confessores não cessaram de celebrar para estimular o zelo dos reis da França”¹².

Bossuet lembra que tanto os reis franceses como a França são superiores aos outros monarcas e aos demais reinos da Europa e que, por isso, os reis franceses devem defender a religião de Deus com mais dedicação. Bossuet afirma que, como prova do amor à religião católica, os reis devem zelar pela Igreja. Segundo ele, como nada acontece sem a intervenção de Deus, Este usa o seu poder para que a Igreja católica seja conservada. Assim como no passado Ele usou da força e sedução de Judith e Estér “[...] para libertar os seus fiéis das mãos dos inimigos”¹³, da mesma forma, sob seus desígnios, providenciou o casamento de Henriette-Marie com Carlos I, rei da Inglaterra, dando-lhe o dom da sedução para que convencesse o rei a proteger os católicos perseguidos.

Os cristãos buscavam suas origens junto aos heróis do Antigo Testamento. Na França moderna persiste a concepção de que “o rei da França é um novo Davi e de que o seu povo é um novo povo eleito”¹⁴. Esta idéia possui uma origem antiga e desde o século XIV já estava impregnada na mentalidade dos franceses. Como observa Houx, “povo eleito dos novos tempos, os franceses vivem em uma nova Terra Santa”¹⁵.

Como os seus contemporâneos, Bossuet considerava os reis franceses e a França como superiores aos outros. É importante assinalar que, na concepção de Bossuet, o elemento que tornava a França superior é o fato de ela ter sido sempre governada por reis católicos¹⁶. Por volta do século XII os reis franceses passaram a se considerar superiores aos outros reis. Com isso se recusavam a prestar homenagem aos imperadores que os julgavam como seus subordinados. A partir deste período os reis franceses compreenderam que somente Deus estava acima deles; sendo assim, passaram a prestar homenagem somente a Ele. De acordo com Houx, desde o século XII “[...] os reis da França têm consciência de sua altíssima dignidade...”¹⁷. Fato importante é que tal idéia estava bem impregnada no imaginário dos franceses

do século XVII. De fato, “[...] a idéia de que o rei da França é de uma essência superior não pára de se desenvolver”¹⁸. Isto ocorre devido à crença de que somente o rei da França era ungido, em sua sagração, pelo óleo santo, misturado ao bálsamo de uma Santa Ampola, trazida do céu por uma pomba branca, o Espírito Santo¹⁹. Tal crença era tão disseminada que causava o ciúme nos outros povos. Como percebe Houx, “[...] o incontestável privilégio francês era insuportável aos outros povos”, pois “[...] eles não dispunham do bálsamo trazido pelo pássaro divino...”²⁰.

Bossuet afirma que, como prova do amor à religião católica, os reis devem zelar pela Igreja. Nestes termos o bispo de Meaux extravasa todo o seu sentimento de defesa à Igreja gálica. Desde fins do medievo, a Igreja da França se tornou a Igreja gálica. Conforme assinala Marc Bloch, o galicanismo é um movimento muito contraditório tanto em suas origens, pois “as mais nobres aspirações à supressão de graves abusos religiosos mesclam-se inextricavelmente aos interesses financeiros mais terra-a-terra”, como em sua natureza, haja vista que, como observa o mesmo autor, “o galicanismo apresenta-se ora como um impulso para a pelo menos relativa independência da Igreja da França, ora como uma tentativa para submeter essa Igreja ao poder régio”, livre dos obstáculos impostos pelo papado²¹.

Bossuet destacou-se por sua defesa da unidade da fé e da Igreja gálica. Quando em 1681 a questão gálica gerava divisões profundas no seio da Igreja da França, foi convocada uma Assembléia do Clero, em que o baixo clero pretendia promover um Cisma. Bossuet atuou como o defensor da unidade desta Igreja. Na Assembléia, ele foi o escolhido para pronunciar o discurso de abertura – no qual ele lançou mão de seu *Sermon sur l'unité de l'Eglise* –, como também da redação da declaração final. Apesar de não ter conseguido satisfazer nenhuma das duas facções, Bossuet conseguiu evitar a realização do Cisma²².

Na famosa Assembléia do Clero, Bossuet lutou com ardor para que os antigos direitos da Igreja da França fossem conservados. O papa Inocêncio IX não queria reconhecer os direitos de franquias e

regalias da Igreja da França, isto gerava uma divisão entre ela e o papado. O baixo clero queria o cisma para separar-se definitivamente de Roma. O papa, por seu lado, ameaçava dizendo que usaria de meios violentos se preciso fosse para impedir que isto acontecesse. Se tais ameaças foram capazes de amedrontar o rei Roberto no século XII, no século XVII não surtiu grande efeito perante a altivez de Luís XIV e da firmeza do bispo de Meaux. Desta querela galicana resultou a famosa *Défense de l'Eglise galicane*, uma das obras mais célebres de Bossuet. Até nos dias atuais a Igreja francesa reconhece que foi esta obra que a defendeu e fez com que os seus antigos direitos fossem conservados, como também a defendeu do ataque ultramontano²³.

Zelar pela religião católica significa, para Bossuet, “alargar os caminhos do céu”. Como ele mesmo afirma, “O papa São Gregório, escrevendo ao piedoso imperador Maurício, mostra-lhe [...] os deveres dos reis cristãos: ‘Sabei, ó grande imperador, que o poder soberano vos foi concedido do alto, a fim de que a virtude seja protegida, os caminhos do céu alargados, e o império da terra sirva ao império do céu’ [...] Convém notar, sobretudo, a obrigação tão gloriosa, que este grande papa impõe aos príncipes, de alargar os caminhos do céu”²⁴.

Para Bossuet, o que vem a ser “alargar os caminhos do céu”? Em seu entendimento, é a obrigação que os reis têm de, ao mesmo tempo, expandir o catolicismo por intermédio da conversão dos hereges, os protestantes de seu tempo. Bossuet exalta a rainha Henriette-Marie por sua fidelidade à religião católica. Ele demonstra por quantas dificuldades esta rainha passou para defender os católicos, na Inglaterra protestante. Lembra Bossuet que, antes da ida da rainha à Inglaterra protestante, os católicos ingleses eram perseguidos, não podendo praticar sua doutrina em público. Mas que, porém, após a chegada da rainha, ela mandou construir uma capela em seu palácio para que os católicos pudessem realizar seus cultos e suas orações. Com isto, o rigor foi diminuído “e os católicos respiraram”. Segundo Bossuet, “a capela real que mandou construir com tanta magnificência em seu palácio de Somerset, restituía à Igreja sua forma primitiva. Ali Henriette, digna filha de São Luís, animava todos com o seu exemplo, e pelos seus exercícios espirituais, pelas suas orações e

devoções, mantinha com glória a antiga reputação da cristianíssima casa de França”²⁵.

A rainha combateu o protestantismo, afirma com ênfase Bossuet, convencendo o rei Carlos I a não dar proteção aos calvinistas que fugiam da França. Diante do destino sombrio da Inglaterra, Bossuet mostra o que a rainha fez para salvá-la. Não poupou esforços, por meio das “[...] suas viagens, negociações e tratados [...]. Todos os dias reconduzia alguns dos rebeldes”²⁶. Entre eles, homens de altos postos. Como um dos deveres dos monarcas por direito divino era realizar a conversão de protestantes ao catolicismo, observa Mousnier que, no reinado de Luís XIV, houve conversões de homens importantes, como Turenne, que abjurou ao protestantismo em 1668²⁷.

Como a maioria dos homens de letras de seu tempo, incluindo seus mais convictos adversários, Bossuet salienta que, da mesma forma que Deus lança seus desígnios para castigar os reis e os povos que violam as suas leis, lança-os também para proteger os defensores de suas leis. Este é propriamente o caso da rainha que, para proteger os católicos, passou pelas mais terríveis provações sem que nada de mal lhe acontecesse. A rainha somente conseguiu sobreviver diante de todas as dificuldades pelas quais passou, conforme Bossuet, porque tinha em seu favor a coragem e a mão de Deus protegendo-a. Na concepção cristã, Deus escolhe os reis, estabelecendo com eles uma verdadeira aliança. Ensina-lhes a reinar com retidão e lhes ajuda nos momentos difíceis. Isto porque Deus é benevolente para com o rei e seu povo²⁸. De acordo com Houx, foi profundamente conservada na mente dos cristãos “a idéia de que Deus não pode abandonar seu povo, e que ele interviria quando a necessidade se fizesse sentir para salvá-los. Ninguém mais do que os franceses estavam convencidos disso. Essa idéia guiara suas vidas”²⁹.

Bossuet tenta mostrar o que acontece aos reis insubmissos que não defendem a verdadeira fé. Eles atraem os castigos de Deus por não defenderem a sua religião. O autor da *Politique* sustenta que, nas nações protestantes, o poder dos reis é frágil porque submisso à heresia. Ele relembra que Henrique VIII, rei da Inglaterra, ao tornar-se protestante, abalou a unidade da religião, e com isso enfraqueceu o único

ponto que dava sustentáculo ao poder real: “Quando o rei Henrique VIII, príncipe perfeito em tudo o mais, desorientou-se pelas paixões que perderam a Salomão e muitos outros reis, e começou a abalar a autoridade da Igreja, os sábios denunciaram-lhe que, atacando este único ponto, ele punha tudo a perigo, e dava, sem querer, uma licença desenfreada às idades vindouras”³⁰.

Recorda Bossuet que, como tudo é designado por Deus, todas as calamidades que estavam acontecendo na Inglaterra eram por vingança Dele³¹. Os príncipes que se entregam às paixões fazem cair o castigo de Deus sobre seu reino. O autor utiliza-se do exemplo de Carlos I que, segundo afirma, reinava com justiça, moderação, sabedoria e clemência, mas que, pelo fato de seus predecessores terem violado as leis de Deus, foi perseguido e traído, chegando a tornar-se cativo de seus próprios súditos.

Para Bossuet, Deus é o verdadeiro rei que governa o céu e a Terra. Sendo assim, os reis são apenas lugares-tenentes, ministros de Deus no mundo dos homens. Deus transmite o seu poder aos reis para que eles governem em seu nome. Em troca, os reis têm que agir segundo os seus preceitos, as suas leis. Do contrário, receberão os castigos de Deus que lhes tira o poder, castigando-os, mostrando-lhes que são fracos e que sem Ele, nada podem³².

O providencialismo, uma idéia muito antiga de um Deus que dirige a história dos homens, aparece com toda a sua força no pensamento político de Bossuet. Em sua concepção é Deus quem dirige a política aqui na Terra. Aos reis cabe somente fazer a Sua vontade; qualquer deslize acarreta em graves conseqüências. Deus, ao ver Suas leis violadas, lança os piores castigos aos reis e aos seus respectivos reinos. Na concepção de Bossuet, os reis são os responsáveis por fazer com que reine a ordem no mundo, recaindo sobre eles os mais cruéis castigos mandados por Deus, nos momentos em que deixam de lado a sua missão. No entendimento de Bossuet, o príncipe que age de acordo com os preceitos cristãos estabelece uma soberania vertical, atuando como uma espécie de elo entre Deus e os homens; agindo corretamente, os reis atrairão a graça de Deus não somente para eles, mas, sobretudo, para os seus súditos.

De fato, na concepção de Bossuet, “Deus está sempre em ação, e os homens são apenas os executores de seus decretos”³⁵. Na visão de Bossuet, “[...] a história é uma espécie de drama divino, o pensamento de Deus a realizar-se na terra; as revoluções são ‘destinadas a humilhar os príncipes’”³⁴. Assim como *A cidade de Deus* de Santo Agostinho, na *Oraison funèbre de Henriette-Marie*, Bossuet demonstra que a história é obra da Providência divina.

A observação de Le Brun, feita no início, evidencia-se na *Oraison funèbre de Henriette-Marie*, obra que Bossuet escreveu um ano antes do preceptorado. Em 1669 o absolutismo francês estava em seu ápice. No entanto, na Inglaterra, país próximo da França, este sistema tinha sofrido um severo golpe³⁵. A Revolução Inglesa de 1640 resultou na execução de Carlos I, em 1649, pela vitoriosa revolução liderada por Oliver Cromwell, com a instauração da República Puritana – dirigida pelo Conselho de Estado, sob a liderança do próprio – em lugar da monarquia absolutista. Como Bossuet era um monarquista devoto, não é difícil imaginar o que tudo isto significava para ele. Bossuet percebeu o quanto as idéias dos revolucionários puritanos eram ameaçadoras aos monarcas. Como lembra Henri Sée, foram os teóricos protestantes os primeiros a se oporem ao absolutismo de Luís XIV³⁶. É possível avaliar o quanto o ato da decapitação de Carlos I representou naquela época, não somente para aqueles que pensavam e transitavam na esfera do poder, mas também para a sociedade política, nas várias monarquias governadas por príncipes absolutistas. De acordo com Christopher Hill, em *As origens intelectuais da Revolução Inglesa*, “o ato de 1649 teve tamanho impacto que, segundo dizem, ao saberem do fato, ‘mulheres abortaram, homens caíram em profunda melancolia’”³⁷. Portanto, Bossuet sentiu-se motivado a responder a essas questões.

A *Oraison funèbre de Henriette-Marie* foi concebida em um momento de grande intolerância religiosa na França. Recordemos que no plano religioso, a França católica conheceu 87 anos de relativa paz. O Editto de Nantes, que fora promulgado por Henrique IV em 1598, após quase 40 anos de guerras de religião, estabelecia a tolerância religiosa, com uma longa trégua aos calvinistas. Ape-

sar da tolerância ser estabelecida oficialmente, a rivalidade entre católicos e protestantes não deixou de existir. Na menoridade de Luís XIII, a partir de 1610, as agitações religiosas foram constantes. Ao assumir o Estado, a partir de 1624, Richelieu retomou a guerra contra os calvinistas franceses. Liquidou, sem piedade, as “fortalezas huguenotes remanescentes no sudoeste, com o cerco e a captura de La Rochelle...”³⁸.

Algumas décadas depois, Luís XIV passou a interpretar “o Editto num sentido cada vez mais estrito”³⁹. Em seu anseio pela conversão dos huguenotes, utilizou-se de estratégias pacíficas como as “missões de capuchinhos e às casas de Propagação da Fé”⁴⁰. Estes foram meios pelos quais não conseguiu muito sucesso. Pouco a pouco, o Editto de Nantes “foi sendo esvaziado de seu conteúdo e os protestantes sofreram perseguições”⁴¹. Com o tempo, o Rei-Sol passou a recorrer a métodos mais violentos⁴². O jansenismo também foi combatido por Luís XIV. O monarca, ao atacar o protestantismo desejava, de acordo com Mousnier, “concentrar em sua pessoa todo o poder, realizar em torno de si a unidade religiosa...”⁴³.

No tempo de Bossuet, como no século anterior, os reis usavam de seu poder coercitivo para que os súditos aderissem à religião oficial. De acordo com Mousnier, Luís XIV “considerou sempre a unidade religiosa como o coroamento do absolutismo”⁴⁴. Em *As fundações do pensamento político moderno*, Quentin Skinner analisa as perseguições aos protestantes em alguns países da Europa, entre eles a França e a Inglaterra, na segunda metade do século XVI, demonstrando que nos momentos em que os governantes eram católicos, usavam da força para unificar sua religião⁴⁵.

Convém lembrar que a intolerância religiosa não se dava somente de cima para baixo, mas entre os súditos também. Em *Culturas do povo*, Natalie Zemon Davis retrata a violência religiosa popular nos massacres de São Bartolomeu, em 1572. Segundo a historiadora norte-americana, os católicos odiavam os protestantes “[...] por suas ações poluidoras separatistas e desorganizadoras [...]. Para os fanáticos católicos, a liquidação dos ‘vermes’ heréticos prometia a restauração da unidade do corpo social...”⁴⁶. A multidão gritava

nas ruas, entre outras coisas, “viva a religião católica, [...] Vivam os parisienses fiéis, [...] Que todo o mundo vá à missa. Um Deus, uma Fé, um Rei”⁴⁷.

Nos séculos XVI e XVII, apesar dos abalos de fé provocados pela influência calvinista, o catolicismo era tão preponderante na França que os reis tinham que se curvar a ele como condição do reconhecimento de sua legitimidade pelos súditos; quando não, tinham que se converter, como é o caso de Henrique IV. A questão protestante incomodava não somente à Igreja, mas também ao Estado francês. Desde a Reforma havia uma luta ferrenha da monarquia para eliminar os protestantes na França.

A questão huguenote, desde o início da expansão das idéias reformadoras pela Europa, causou graves preocupações aos monarcas franceses. Afinal, os escritores protestantes foram os primeiros a se opor à doutrina do absolutismo⁴⁸. A obra *Vindiciae contra tyrannos*, surgida nos círculos intelectuais huguenotes em fins do século XVI, chegava a apregoar o regicídio. Este quadro panorâmico da história das idéias políticas e religiosas no século que precede a trajetória fulgurante de Bossuet permite-nos, ainda que num plano muito geral, apreender os elementos centrais da cultura política com que o autor se defrontou. Os seus combates intelectuais foram definidos por questões que atravessavam um considerável lapso de tempo.

Em 1652, na cidade de Metz, Bossuet, com 25 anos, recebeu a ordenação sacerdotal. Metz fazia fronteira com a Alsácia, uma região luterana. Em termos religiosos, Metz era considerada uma cidade dividida. Aí, havia uma comunidade judaica e principalmente uma Igreja protestante que, por ser muito bem organizada, sua importância e influência aumentavam cada vez mais⁴⁹.

Entre católicos e protestantes, por muito tempo, reinou “[...] um pacto relativo e um certo acordo cívico...”⁵⁰. No entanto, em meados do século XVII, uma fortíssima hostilidade foi aumentando cada vez mais entre estes grupos. Os protestantes, fortalecidos pelo edito que estabelecia a tolerância, aumentaram suas escolas; seus ministros atacavam publicamente as práticas católicas. Como resultado, o ministro Paul Ferry conseguiu converter muitos católicos ao protestantismo.

De seu lado, o clero católico, cheio de zelo, cuidava para que seus fiéis não se tornassem protestantes. Foi esta nuvem de hostilidade, esta conjuntura complexa e explosiva, que Bossuet encontrou quando chegou em Metz no ano de 1652. Como observa Gaquère a respeito de Bossuet, “[...] um temperamento de conciliador, herdado de seus ancestrais, uma competência manifestada em seus primeiros escritos faziam com que ninguém melhor do que ele fosse mais qualificado para assumir semelhante tarefa”⁵¹.

Na segunda metade do século XVII o clima de hostilidade entre católicos e protestantes era cada vez maior. Na França, após 1661, quando Luís XIV assumiu pessoalmente o poder, “[...] foi convidado ‘a marchar sobre as pegadas do grande Constantino’; Bossuet predizia no ano seguinte ‘que ele tinha a glória de sufocar a heresia por um prudente temperamento de severidade e de paciência’”⁵². Antes de sua morte, Bossuet reconheceu que no combate aos protestantes era preciso renunciar aos meios violentos, pois “[...] ‘a violência incita os fiéis à desordem, à revolta aberta’”⁵³.

O contato de Bossuet com os protestantes, em Metz, foi cotidiano⁵⁴. Desde os 24 anos, o jovem estudante assumiu a posição que o acompanhou pelo resto de sua vida: defender a ortodoxia⁵⁵. Diante da crítica que a religião católica recebia dos protestantes, Bossuet saía em sua defesa. Ele nunca parou de pregar, buscando instruir e converter. O jovem cônego empenhava-se em converter judeus e protestantes⁵⁶. Em Metz, em meio aos seus “triumfos oratórios”, para refutar o *Catéchisme* do pastor protestante, Paul Ferry, Bossuet construiu suas primeiras armas como teólogo. Esta refutação, por um lado, foi muito bem acolhida pela Igreja católica, que reconheceu em Bossuet o seu grande defensor, por outro, mostrava aos protestantes um adversário temível⁵⁷.

UNIDADE

Para Bossuet, todas as calamidades da Inglaterra foram causadas pela “[...] separação e a revolta contra a autoridade da Igreja”. Neste sentido, a restauração da unidade católica seria, em seu entendimento, a única forma de por termo às guerras civis na Inglaterra. Segundo ele,

“[...] outro não pode ser o remédio a não ser o retorno à unidade e à antiga submissão”⁵⁸. Ele constata que todas as provações pelas quais a Inglaterra passou foi o exemplo providencial de Deus que se manifestou entre os homens, para mostrar o que acontece quando a heresia toma o lugar da autoridade. A heresia é fatal à religião e a qualquer autoridade legítima.

Isto porque a unidade da Igreja fortalece a unidade do poder político. Ao proteger os católicos perseguidos e converter os hereges ao catolicismo, a rainha estava, ao mesmo tempo, servindo a Deus e ao Estado. Segundo Bossuet, “[...] quando, pois, essa piedosa princesa servia à Igreja, pensava ela servir ao Estado, pensava ela dar súditos ao rei, conservando a Deus os fiéis”⁵⁹.

O maior desejo de Bossuet foi a unidade religiosa da França, perdida para sempre nas devastações mútuas das guerras de religião. Com este objetivo ele lutou com todas as armas que possuía. Diante dos ataques que a doutrina católica recebia por parte dos protestantes, Bossuet recorria ao seu talento oratório e literário não somente para defendê-la, mas visando ainda a conversão dos protestantes. A defesa da unidade cristã foi colocada por Bossuet no primeiro plano de suas preocupações. Desta forma, o autor publicou diversos escritos em que defendia a doutrina católica e criticava a heresia protestante⁶⁰. É importante se ter em mente que Bossuet não foi o único a almejar a unidade religiosa em seu tempo. Aliás, este era o desejo de um número considerável de pensadores tanto católicos como protestantes⁶¹.

Com o objetivo de realizar a unificação das Igrejas, convertendo os protestantes, Bossuet imaginou que o melhor meio para isto era a moderação. Desse modo, mostrava-se moderado em suas pregações⁶². No entanto, no final de 1654, o pastor Paul Ferry publicou o seu *Catéchisme general de la réformation*, no qual apontava os erros da Igreja católica, como também mostrava-se um grande defensor da Reforma⁶³.

Em alguns momentos, a moderação de Bossuet deu lugar à agressividade de discursos inflamados para com os reformados. Ele adotou, então, atitudes arrogantes. Em suas cartas e pregações solicitava aos governantes que usassem de autoridade para com os

protestantes. O que influenciou Bossuet a adotar essa atitude firme foi que “[...] ele encontrava em seu círculo seus companheiros do Cabido [...] enfurecidos na luta contra a heresia”⁶⁴. Outro motivo é que “[...] ele era membro ativo da Companhia Secreta do Santo Sacramento de Paris [...] e que juntava a suas admiráveis atividades caridosas, a luta contra os protestantes”⁶⁵.

Em sua *Réfutation*, concluída em 1655, ano seguinte ao *Catéchisme* de Ferry, Bossuet dizia desejar somente iluminar os “inimigos da verdade”⁶⁶. Nesta obra, ele não tencionava polemizar, mas mostrar a pureza da doutrina católica. Advertia estar preocupado com a salvação das almas e não tinha nada contra a pessoa do ministro⁶⁷. O que possibilitou Bossuet conciliar em seu espírito duas disposições aparentemente incompatíveis, a amabilidade e o rigor, foi a influência do Padre da Igreja por quem ele tinha maior veneração: Santo Agostinho⁶⁸.

Bossuet foi acusado pelos protestantes, principalmente pelo pastor Pierre Jurieu, de barbárie. Segundo este, Bossuet aconselhou e aprovou o ato de Luís XIV em recorrer à práticas de perseguições violentas para com eles. Bossuet se defendeu dessas acusações. Para ele, “essas expedições militares, tão conhecidas sob o nome de *missão dragão*”, não eram o melhor meio para resolver a questão⁶⁹. Como afirma Dussalt, “acostumado a submeter somente às armas da persuasão os irmãos desviados, ‘não podia, dizia ele, resolver olhar as baionetas como instrumentos de conversão’”⁷⁰.

Tamanha era a autoridade de Bossuet nas questões de fé que até mesmo os protestantes se inclinavam diante dela. O diálogo de Bossuet e Ferry em busca da reunião das Igrejas durou seis meses. Iniciou-se com a carta de Bossuet a Ferry em 17 de maio de 1666, e terminou com a última carta de Bossuet a Ferry em 28 de outubro do mesmo ano⁷¹. O sonho de Bossuet em restaurar a unidade religiosa foi frustrado, pois, devido às interferências do monarca, foi obrigado a “[...] desistir da tarefa, em favor dos oficiais laicos e dos jesuítas”⁷². No entanto, apesar dessa grande decepção, Bossuet jamais desistiu de seu objetivo. Publicou inúmeras obras para retomar o diálogo com os maiores representantes dos protestantes⁷³.

Leibniz, um dos maiores representantes do protestantismo, como será visto logo adiante, também trocou correspondência com ele. Bossuet retomou uma discussão doutrinal que tinha iniciado com o pastor Paul Ferry. Por meio de sua *Histoire des variations*, Bossuet tentou provar “a necessidade de uma Igreja infalível para manter a unidade e estabelecer, assim, a característica infalível da Igreja romana”⁷⁴. Por um instante o autor acreditou que o maior sonho de sua vida iria se realizar: as Igrejas protestantes e a Igreja romana se uniriam tornando-se uma só⁷⁵.

A busca da unidade religiosa foi a grande causa da vida de Bossuet. Na longa controvérsia com os protestantes, a publicação de *Histoire des variations des Eglises protestants*, em 1688, assinalou o seu ato capital. Em seu desejo de reunir os protestantes à Igreja Católica, por meio da reconciliação, Bossuet correspondeu-se com Leibniz, o célebre filósofo de Hannover. Isto mostra a importância e a repercussão deste assunto na Europa cristã⁷⁶. Bossuet iniciou seu diálogo com Leibniz em 1691, por meio de cartas, no qual ambos buscavam a reunião das Igrejas e, por sua vez, a unidade religiosa. O diálogo durou dez anos.

No entanto, como observa Dussalt, por ser Leibniz “[...] mais tolerante que controversista e mais filósofo que protestante”, ele tratava este assunto da mesma maneira que conduzia uma negociação entre soberanos. Talvez, o fato de ser “[...] pouco tocado do rigor inflexível dos princípios católicos em matéria de fé” ele considerava que tanto católicos como protestantes deviam fazer algumas concessões, ceder em algum ponto. Por outro lado, inabalável em sua crença, Bossuet acreditava que a Igreja Católica não devia ceder em nada, enquanto que os protestantes deviam se submeter às exigências do Concílio de Trento⁷⁷. Em 1701, diante da desaprovação do papa Clemente XI, deu-se a última tentativa de Bossuet para uma reunião entre os luteranos da Alemanha com a Igreja romana. Todo o trabalho de Bossuet em busca da união entre as Igrejas fracassou⁷⁸.

Apesar de seu desejo de restauração da unidade religiosa não ter sido alcançado, “[...] ao menos, ele teve a consolação de obter numerosas e consideráveis conversões individuais”⁷⁹. Na segunda metade

do século XVII o maior obstáculo para a reunião das Igrejas foram, como salienta Gaquère, o rancor, a desconfiança e o ódio oriundos do “espírito universal de intolerância”⁸⁰.

Bossuet sonhou com um governo e uma religião uniformes. Na *Oraison funèbre de Henriette-Marie* Bossuet defendeu a ordem e a unidade. Na *Politique* ele enfatizou que “[...] na unidade reside a vida; fora da unidade a morte é certa”⁸¹. Bossuet se engajou em diversas controvérsias. Combateu os erros de Fénelon com dureza. Contra o protestantismo fez uma guerra sem trégua. Travou longas e obstinadas batalhas a respeito da questão galicana. Em política, Bossuet instituiu e renovou a defesa da realeza sagrada, expressa pela teoria do direito divino dos reis. Nele, esta doutrina encontrou um grande porta-voz. Bossuet idealizou a unidade em todos os sentidos. “Um Deus, um Cristo, um bispo, um rei, – eis aí bem em seu interior a esfera luminosa onde o pensamento de Bossuet se manifesta e reina. Eis aí seu ideal de mundo”⁸².

Bossuet reinou em sua época. Como observa Sainte-Beuve, o bispo de Meaux “[...] foi o homem público das grandes instituições e da ordem estabelecida, logo o órgão, o inspirador, o crítico aceito por todos, ou o conciliador e o árbitro. Ele é naturalmente o homem mais considerável na ordem católica e galicana...”⁸³.

Intelectual *engagé*, utilizou-se de todos os seus talentos e funções, como o de orador sacro, preceptor do Delfim e bispo, para combater tudo aquilo que representasse uma ameaça à ordem política e religiosa na França. Para ele, a França e os reis franceses foram os escolhidos por Deus. Sendo assim, tinham que fazer jus a essa posição. Isto se daria pelo combate ferrenho aos elementos negativos que colocavam essa ordem em risco, no caso o protestantismo. Como foi possível perceber, na *Oraison funèbre de Henriette-Marie* Bossuet tinha vários propósitos, todos eles inter-relacionados. Ele tencionava mostrar aos protestantes os seus erros, convertê-los ou fazer com que se submetessem à Igreja católica, promovendo, assim, a tão sonhada unidade. A sua influência no ato de revogação do Edito de Nantes tem muito a ver com esses propósitos. Alguns dentre esses objetivos foram alcançados. Bossuet converteu por meio da persuasão alguns protestantes. Mas a unidade

não foi alcançada, apesar de Luís XIV ter tentado obtê-la por meios pacíficos. Então, por meio da violência, o rei lançou seus dragões sobre os protestantes e com isso obteve inúmeras conversões à força. Diante de toda a intolerância, em 1685, sob a influência de Bossuet e de Turenne, o Grande-Rei revogou o Edito de Nantes, para a alegria do autor aqui discutido⁸⁴.

No entanto, não demorou muito para que Bossuet percebesse o infortúnio deste ato. Pois, com a revogação do Edito de Nantes, os calvinistas foram expulsos da França, levando consigo seus capitais. Este episódio, somando-se à guerra que Luís XIV já havia desencadeado com a Holanda, em 1672, precipitou a França numa aguda crise social, econômica e política⁸⁵. Além disso, os protestantes emigrados e revoltados uniram-se aos inimigos da França, em todos os lugares que tinham influência, e se tornaram os maiores detratores da monarquia absolutista. Sendo assim, no momento em que Bossuet pronunciou a *Oraison funèbre de Louis de Bourbon*, em 1687, o absolutismo monárquico era atacado de todos os lados. E as virtudes mais cultuadas por Bossuet passaram a ser o pacifismo e a humildade do príncipe.

NOTAS

¹ TORRES, João Carlos B. *Figuras do estado moderno: representação política no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1988, p.128.

² Id. *ibid.*, p.127-66.

³ BOSSUET, J. B. *Oraison funèbre de Henriette-Marie de France, reine de la Grand-Bretagne*. In: _____. BOSSUET. *Oraisons funèbres*. Paris: Librairie de Fermin Didot Frères, 1874. Segundo J.-Charbonnel, a *Oraison funèbre d'Henriette de France* "foi pronunciada em 16 de novembro de 1669 (...) foi publicada (...) no mesmo ano, em Paris, em Cramoisy". Em 1689, foi feita "uma coleção das orações fúnebres (...). A principal edição 'moderna' é a de Urbain e Lévêque [7 vol. I, n. 8º, 1914-1926]". CHARBONNEL, J. Roger. In: BOSSUET. *Oraison funèbre d'Henriette de France*. In: _____. *Oraisons funèbres et sermons*. Paris: Librairie Larousse, [s.d.], p.25.

⁴ LE BRUN, Jacques. Introduction. In: BOSSUET, Jacques-Bénigne. *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture Sainte*. Genève: Librairie Droz, 1967, p.VII.

⁵ MOUSNIER, Roland. *Les concepts d' "orders" d' "états", de "fidélité" et de "monarchie absolue" en France de la fin du XV siècle à la fin du XVIII*. Paris, *Révue historique*, CCXLVII, n.2, p.289-312, 1974, p.290-3.

⁶ BOSSUET, 1874, p.39.

⁷ LE GOF, Jacques. Aspects religieux et sacrées de la monarchie française du X au XIII siècle. In: BOUREAU, Alain; INGERFLOM, Cláudio Sérgio. (eds.). *La royauté sacrée dans le monde chrétien*. Paris: Ed. de l'École des Hautes Études en Sciences, p.21.

⁸ MOUSNIER, 1974, p.306.

⁹ MOUSNIER, Roland. Os séculos XVI e XVII. São Paulo: Difel, 1973, p.260.

¹⁰ BEHRENS, C. B. A.

O Ancien Régime. Lisboa: Editorial Verbo, 1971, p.96.

¹¹ MOUSNIER, 1973, p.292.

¹² BLUCHE apud LOPES, Marcos Antônio. O político na modernidade. São Paulo: Loyola, 1997, p.153.

¹³ BOSSUET, op. cit., p.40.

¹⁴ HOUX, Jean-Paul. *Le roi. Mythes et symboles*. Paris: Fayard, 1997, p.263.

¹⁵ Idem.

¹⁶ BOSSUET, op. cit., p.39.

¹⁷ HOUX, op. cit., p.252.

¹⁸ Ibid., p.253.

¹⁹ Ibid., p.253, 257-8.

²⁰ Ibid., p.257.

²¹ BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.164.

²² CALVET, J. Le XVII siècle. La littérature classique. In: _____. *Manuel illustré d'histoire de la littérature française*. Vingtième édition. Paris: J. de Gigord Éditeur, 1952, p.293-4.

²³ DUSSALT. Jugements sur Bossuet. In: *Oraisons funèbres de Bossuet*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frère, 1874, p.9-10.

²⁴ BOSSUET, op. cit., p.40-1.

²⁵ Ibid., p.42.

²⁶ Ibid., p.56.

²⁷ MOUSNIER, 1973, p.293.

²⁸ HOUX, op. cit., p.20. Ver SÉE, Henri. *Idées politiques en France ao XVII siècle*. Paris: Marcel Giard Libraire-Éditeur, 1923, p.359.

²⁹ Ibid., p.254.

³⁰ BOSSUET, op. cit., p.43.

³¹ O episódio tão terrível a que Bossuet está se referindo como um castigo de Deus ao monarca inglês é a Revolução Inglesa de 1640. Acerca das

conseqüências da Revolução Inglesa para a monarquia absolutista ver TORRES, op. cit., p.301-29; HILL, Christopher. Introdução. In: _____. *As origens intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

³² BOSSUET, op. cit., p.35.

³³ DUSSALT, op. cit., p.27.

³⁴ TOUCHARD, Jean. *História das idéias políticas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970, V. 3, p.131.

³⁵ A respeito do protestantismo, convém lembrar que o anglicanismo era a religião oficial da Inglaterra. Tal religião consistia em um amálgama de catolicismo com calvinismo. Na Inglaterra, os calvinistas eram denominados de puritanos e na França recebiam a denominação pejorativa de huguenotes.

³⁶ SÉE, op. cit., p.467-512.

³⁷ HILL, op. cit., p.13.

³⁸ ANDERSON, Perry. *Linhagens do estado absolutista*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.94-5. Cf. MOUSNIER, 1973, p.293-4.

³⁹ *Ibid.*, p.294.

⁴⁰ *Id.*

⁴¹ *Id.*

⁴² *Id.*

⁴³ MOUSNIER, 1973, p.295.

⁴⁴ *Ibid.*, p.292.

⁴⁵ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.46.

⁴⁶ DAVIS, Natalie Zemon. Ritos de violência. In: _____. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.135.

⁴⁷ *Id.*

⁴⁸ SÉE, op. cit., p.359.

⁴⁹ GAQUÈRE François. *Le dialogue irénique Bossuet – Leibniz: La réunion des Eglises em échec (1691-1702)*. Paris: Beauchesne, 1966, p.5-6; GAQUÈRE François. *Le dialogue irénique Bossuet – Paul Ferry à Metz (1652-1669)*. Paris: Beauchesne, 1967, p.13-4.

⁵⁰ *Ibid.*, p.14.

⁵¹ *Ibid.*, p.17.

⁵² GAQUÈRE, 1967, p.27.

⁵³ *Ibid.*, p.28.

⁵⁴ *Ibid.*, p.21.

- ⁵⁵ Ibid., p.18.
- ⁵⁶ Ibid., p.10-1.
- ⁵⁷ DUSSALT, op. cit., p.4.
- ⁵⁸ BOSSUET, op. cit., p.52-3.
- ⁵⁹ Ibid, p.52.
- ⁶⁰ GAQUÈRE, 1967, p.32.
- ⁶¹ GAQUÈRE, 1966, p.13-36.
- ⁶² GAQUÈRE, 1967, p.21.
- ⁶³ Ibid., p.37-9.
- ⁶⁴ Ibid., p.26.
- ⁶⁵ Id.
- ⁶⁶ GAQUÈRE, 1967, p.51.
- ⁶⁷ Ibid., p.53-4.
- ⁶⁸ Ibid., p.26.
- ⁶⁹ DUSSALT, op. cit., p.12.
- ⁷⁰ Id.
- ⁷¹ GAQUÈRE, 1967, p.180-224. Ver DUSSALT, op. cit., p.4.
- ⁷² GAQUÈRE, 1967, p.239-40.
- ⁷³ Id.
- ⁷⁴ CALVET, op. cit., p.294.
- ⁷⁵ Id.
- ⁷⁶ DUSSALT, op. cit., p.12.
- ⁷⁷ Id.
- ⁷⁸ GAQUÈRE, 1966, p.244, 248-58.
- ⁷⁹ GAQUÈRE, 1967, p.240.
- ⁸⁰ Ibid., p.246.
- ⁸¹ BOSSUET apud TOUCHARD, op. cit., p.132.
- ⁸² SAINTE-BEUVE, (org.). Bossuet. In: _____. *Les grands écrivains français*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1928, p.25. A este respeito cf. LAVISSE, Ernest. Les Lettres. In: _____. *Histoire de France illustrée*. Depuis les origines jusqu'à la Révolution. Paris: Librairie Hachette, s.d. Livro II, p.108.
- ⁸³ SAINTE-BEUVE, op. cit., p.77-8.
- ⁸⁴ MOUSNIER, 1973, p.294.
- ⁸⁵ ANDERSON, op. cit., p.102-9.

FONTES

BOSSUET, J.-B. Oraison funèbre de Henriette-Marie de France, reine de la Grande-Bretagne. In: *Oraisons funèbres de Bossuet*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frère, 1874.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *Linhagens do estado absolutista*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BARBEY, Jean. *Être roi. Son gouvernement en France de Clovis a Louis XVI*. Paris: Fayard, 1992.

BEHRENS, C. B. A. *O Ancien Régime*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CALVET, J. Le XVII siècle. La littérature classique. In: _____. *Manuel illustré d'histoire de la littérature française*. Vingtième édition. Paris: J. de Gigord Éditeur, 1952.

CHARBONNEL, J.-Roger (org.). Bossuet et son temps. In: BOSSUET. *Oraisons funèbres et sermons*. Paris: Classiques Larousse, 1942.

DAVIS, Natalie Zemon. Ritos de violência. In: _____. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DUSSALT. Jugements sur Bossuet. In: *Oraisons funèbres de Bossuet*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frère, 1874.

_____. Notice sur Bossuet. In: *Oraisons funèbres de Bossuet*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frère, 1874.

GAQUÈRE François. *Le dialogue irénique Bossuet - Leibiniz: La réunion des Eglises em échec (1691-1702)*. Paris: Beauchesne, 1966.

_____. *Le dialogue irénique Bossuet - Paul Ferry à Metz (1652-1669)*. Paris: Beauchesne, 1967.

HILL, Christopher. Introdução. In: _____. *As origens intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOUX, Jean-Paul. Le roi chrétien. In: _____. *Le roi. Mythes et symboles*. Paris: Fayard, 1997.

LAVISSE, Ernest. Les Lettres. In: _____. *Histoire de France illustrée. Depuis les origines jusqu'à la Révolution*. Paris: Librairie Hachette, [s.d.]. Livro II.

LE BRUN, Jacques. Introduction. In: BOSSUET, Jacques-Bénigne. *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture Sainte*. Genève: Librairie Droz, 1967.

LE GOFF, Jacques. Aspects religieux et sacrées de la monarchie française du X au XIII siècle. In: BOUREAU, Alain; INGERFLOM, Cláudio-Sergio. *La royauté sacrée dans le monde chrétien*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992.

LOPES, Marcos Antônio. *O absolutismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MOUSNIER, Roland. *Les concepts d' "orders" d' "états", de "fidélité" et de "monarchie absolue" en France de la fin du XV siècle à la fin du XVIII. Révue historique*, Paris, CCXLVII, n. 2, p.289-312, 1974.

_____. *Os séculos XVI e XVII*. São Paulo: Difel, 1973.

SAINTE-BEUVE (org.). Bossuet. In: _____. *Les grands écrivains français*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1928.

SÉE, Henri. *Idées politiques en France ao XVII siècle*. Paris: Marcel Giard Libraire-Éditeur, 1923.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TORRES, João C. B. *Figuras do estado moderno: representação política no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1988.

TOUCHARD, Jean. *História das idéias políticas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970. v.3.